

# A IMPORTÂNCIA DAS INTERAÇÕES DISCURSIVAS EM SALA DE AULA

# 15

Lúcia Helena Sasseron

**15.1** Introdução

**15.2** O que são interações discursivas?

**15.3** O professor como promotor de interações discursivas

**15.4** Mas em que consiste perguntar?

**14.5** Perguntar, ouvir, voltar a falar: as interações discursivas em progresso

Referências

LICENCIATURA EM CIÊNCIAS · USP/UNIVESP

## 15.1 Introdução

Conforme temos discutido, muitas são as possíveis interações existentes em sala de aula. Elas podem estar mais relacionadas a aspectos emocionais ou diretamente associadas ao contato interpessoal. Independentemente da forma como ocorre, as interações planejadas e executadas pelo professor têm, geralmente, o propósito central de colocar em pauta a abordagem de conceitos e temas disciplinares.

Essas interações entre professor e alunos podem acontecer por meio de materiais e arranjos experimentais, livros e textos voltados ao tema, consulta a outras fontes de dados e informações. Mas, em sala de aula, majoritariamente, as interações entre professor e alunos ocorrem por meio de interações discursivas.

## 15.2 O que são interações discursivas?

Quando falamos em discurso, surge em nossa mente a ideia de uma fala proferida por uma pessoa. Mas o discurso só pode ser caracterizado como efetivo, do ponto de vista da comunicação, caso esta fala seja ouvida, decodificada, gerando, possivelmente, a construção de significados e de sentidos.

A compreensão deste movimento em torno do discurso caracteriza o que chamamos de **interações discursivas**.

Como a própria expressão sugere, interações discursivas não são atos isolados, restritos e encerrados a uma única pessoa, pois compreendem o compartilhamento de ideias e informações e a possibilidade de construção de sentido. Por serem interações, em sala de aula, evitam que sejam expandidas características e posturas passivas ante os temas tratados: a interação exige ação e, portanto, protagonismo.

Ainda que toda conversa estabelecida possa ser considerada como uma interação, para examinar e compreender o que sejam as interações discursivas no âmbito da sala de aula, é preciso ter em conta que esses momentos estão relacionados às discussões acerca de um tema ou situação em que são trabalhados conteúdos e conceitos. Assim, em sala de aula, as interações discursivas podem ocorrer tanto na relação entre professor e alunos quanto no contato estabelecido entre os alunos.

Com os estudos das aulas anteriores, sobretudo a proposição da ideia de que o ensino por investigação é uma abordagem didática utilizada pelo professor para o trabalho com temas das ciências em sua sala de aula, estamos diante da possibilidade de fazer uma incursão na ideia de interações discursivas, analisando-as e considerando-as como um meio pelo qual as ações do ensino por investigação ganham contorno e tornam-se possíveis.



Estando diretamente relacionadas e associadas aos conteúdos e temas abordados em uma aula, uma característica importante a ser ressaltada em uma interação discursiva diz respeito à intencionalidade que está por trás dela.

Nesse sentido, uma interação discursiva é um diálogo estabelecido pelo professor com finalidade clara, pois é a forma pela qual vão se estabelecendo contatos entre estudantes, professor e conhecimentos. Ainda que para os estudantes o fim e objetivo da discussão possam não estar, a princípio, evidentes, o professor planeja e coloca em implementação discussões e interações, que permitem o contato direto com o tema da aula, possibilitando a construção de entendimento do conhecimento científico pelos alunos.

## 15.3 O professor como promotor de interações discursivas

Ciente e consciente das finalidades que tem com o estabelecimento das interações discursivas, o professor não apenas as promove como também fomenta as oportunidades de participação dos estudantes, instigando-os e incentivando-os a expor suas ideias e posicionamentos, a buscarem dados e informações, e a construir relações entre conhecimentos já existentes e as novas situações analisadas.

A proposição de um problema é um claro movimento de início de estabelecimento de interações discursivas, mas, em muitos casos, não é apenas e somente com o problema exposto que essas interações têm espaço na sala de aula.

Em muitas situações de sala de aula, é bastante comum que o professor resgate dados, informações e experiências já vivenciadas pelos estudantes. Esta retomada tem o importante papel de permitir que os estudantes voltem a ter em mente, de modo claro, os conhecimentos que já possuem; ao mesmo tempo, ela oferece possibilidades para que as interações discursivas se iniciem.

As interações discursivas, que abordam aspectos já discutidos em outras oportunidades e possibilitam que os estudantes tragam seu posicionamento, vão sendo coordenadas pelo professor, exigindo que o tema central não seja desconsiderado, mas, sim, colocado no centro em todos os momentos.

Nessas ocasiões, o professor aflora seu papel de autoridade social e epistêmica em sala de aula: como a figura que representa o organizador e orientador das ações, sua autoridade social manifesta-se pelo protagonismo que assume na abordagem dos temas, que podem ser por ele propostos ou demandados pelos estudantes; ao mesmo tempo, o professor é o especialista sobre o assunto em sala de aula, e isso lhe confere o papel de



autoridade epistêmica, estando, portanto, autorizado e obrigado a permitir e fomentar incursões mais aprofundadas na análise do tema da aula.

Em outras palavras: o professor é a autoridade social da sala de aula, pois é ele quem ali está na figura de organizador e instaurador de contato dos estudantes com os conceitos e noções formais da disciplina que leciona. O professor é a autoridade epistêmica, pois é ele que, naquele pequeno universo, até aquele momento mais se dedicou a análises formais sobre os temas da disciplina, devendo estar, portanto, apto a discutir o tema com mais profundidade, tendo condições de se preparar para propiciar aos estudantes a oportunidade de observação, estudo e análise do tema além daqueles limites que já existem e foram alcançados.

Fruindo de tal posição, o papel do professor no engajamento dos alunos para as interações discursivas parece ser natural. E a palavra de ordem para a manifestação dessas suas ações é perguntar.

## 15.4 Mas em que consiste perguntar?

Perguntamos em inúmeras situações do nosso dia a dia. Muitas vezes, a pergunta surge sem reflexão e nem mesmo a percebemos como pergunta; é o caso, por exemplo, do uso da expressão “tudo bem?” que utilizamos, frequentemente, em uma interação comum de nossas vidas ao nos encontrarmos com um conhecido. Muitas vezes, em situações semelhantes a essa não esperamos que seja dada uma resposta; sob essa perspectiva, a pergunta pode ser entendida como uma forma irrefletida de nos expressarmos.

Em sala de aula, há ocasiões em que utilizamos a pergunta do mesmo modo, sem refletir. É o caso de intervenções que fazemos aos nossos alunos, dizendo:

“entenderam?” – “certo ou errado?” – “vamos continuar?”



Perguntas como essas marcam a interação entre professor e alunos e são muito importantes para que o clima de discussão seja instaurado e mantido; mas do ponto de vista da abordagem do tema e da construção do entendimento sobre o conteúdo científico podem ser pouco eficazes.

Em estudo que analisou a importância das perguntas do professor para o estabelecimento do processo de alfabetização científica em aulas investigativas, Machado (2012) afirma que a pergunta é:

um instrumento dialógico de estímulo à cadeia enunciativa. Sendo assim usado com propósito didático dentro da história da sala de aula para traçar e acompanhar a construção de um significado e de um conceito (p. 22).

Pautando-nos nesta definição de pergunta, podemos perceber que sua importância está ancorada em dois grandes aspectos centrais da aula de ciências: a promoção da interação discursiva e a construção de entendimento pelos estudantes.

É importante ainda destacar que a pergunta é vista como um estímulo e, portanto, não se pode desconsiderar a resposta que será dada. Sob essa perspectiva, abre-se uma importante consideração: fazer perguntas não é suficiente para a criação e manutenção das interações discursivas na sala de aula; o papel de destaque precisa ser conferido à resposta e, nesse sentido, o professor precisa ouvir essa resposta e colocá-la em debate, permitindo a sua avaliação e construção de entendimento sobre ela pelos demais alunos.

Nesse mesmo trabalho, Machado (2012) propôs tipos de perguntas, que caracterizariam as questões colocadas em situações de interações discursivas quando a investigação está em curso na aula de ciências.

Segundo o autor, são quatro os tipos de perguntas que surgem nesse contexto: as perguntas de problematização; as perguntas sobre dados; as perguntas exploratórias sobre o processo; e as perguntas de sistematização.

As perguntas de problematização estão diretamente voltadas ao problema proposto, mas não surgem apenas como a expressão desse problema: remetem-se elas a esse problema de forma direta e expressam sua reformulação ou rerepresentações com o objetivo de garantir a sua compreensão. São perguntas que instigam os alunos para a resolução do problema e ajudam-nos a planejarem as ações e buscar soluções para o problema.

As perguntas sobre dados permitem a tomada de consciência sobre as ações realizadas e as informações obtidas e disponíveis. Os dados envolvidos no problema são apresentados e evidenciados, permitindo a percepção daqueles que são relevantes para o problema em pauta, acarretando a sua seleção. Com as perguntas sobre os dados é possível realizar comparações e propor associações iniciais.

As perguntas exploratórias sobre o processo levam os alunos a elucidar os passos realizados e podem demandar a construção e apresentação de hipóteses, de justificativas e de conclusões. Nesse sentido, buscam concretizar construções em desenvolvimento.

As perguntas de sistematização têm por objetivo levar os alunos a aplicar as ideias construídas em outros contextos e, desse ponto de vista, podem representar para o professor um momento

para avaliar se aquilo que está sendo discutido está sendo compreendido pelos estudantes. Este tipo de pergunta pode levar os alunos a criar modelos explicativos mais abrangentes e não apenas restritos à situação analisada.

Esta tipologia de perguntas proposta por Machado (2012) pode ajudar-nos a planejar as interações para uma aula investigativa, pois nos indicam tipos de perguntas que não podem deixar de ser feitas quando pretendemos que os alunos participem da construção de seu entendimento sobre os conteúdos científicos.

## 14.5 Perguntar, ouvir, voltar a falar: as interações discursivas em progresso

É evidente a ênfase que temos dado ao trabalho desempenhado pelo professor em aula de ciências. É preciso considerar que a sala de aula é um ambiente complexo, pois composto por pessoas com experiências diferentes e distintos objetivos, sendo o professor, dentro desta pluralidade, o responsável por organizar as ações e por delimitar focos momentâneos de atenção, constituindo apoio para que as discussões estejam em torno dos temas e conteúdos planejados.

Um importante aspecto dessas interações entre professor, alunos e conteúdos está na construção de sentidos em sala de aula. As interações discursivas tornam-se a forma como vislumbramos esta construção e, ao mesmo tempo, é o meio pelo qual os sentidos vão sendo acordados, negociados e construídos.

Analisando situações de ensino de ciências por investigação, pautadas nos referenciais teóricos que nos permitem analisar a construção de significados e de sentidos em situações de ensino e aprendizagem, Freiberg (2014) propôs alguns **elementos catalisadores na promoção da negociação de sentidos** que nos permitem evidenciar ações realizadas pelo professor em situações de sala de aula em que interage discursivamente com os estudantes. Estes elementos permitem-nos identificar como ocorrem as interações discursivas em sala de aula sob o ponto de vista das negociações existentes entre professor e alunos para que o tema em discussão esteja sendo compreendido.

Estes elementos catalisadores na promoção da negociação de sentidos são: uso de sinônimos; uso de analogias; imagens e desenhos; exemplos do cotidiano; referências às aulas passadas; gestos que ilustram literalmente o que se diz; metáfora; reformular a mesma pergunta mais de uma vez; definir condições de contorno para análise e compreensão de uma proposta; colocar hipótese em teste; e legitimar uma colocação.

O uso de sinônimos é caracterizado pela utilização de palavras com um significado semelhante. Comumente são utilizadas palavras com as quais os alunos estão mais familiarizados.

O uso de analogias baseia-se em um processo cognitivo de estabelecimento de relações de semelhança entre informações novas e aspectos conhecidos.

As imagens e desenhos atuam como elementos catalisadores para a promoção de construção de significados na medida em que permitem referência direta a um exemplo ilustrado em outra forma de discurso, no caso, o discurso gráfico.

Os exemplos do cotidiano permitem a referência direta a situações do dia a dia particulares a um grupo ou conhecidas por todos da sala. São mais uma forma de buscar aproximações entre o que se discute e a realidade conhecida pelos estudantes.

As referências às aulas passadas permitem evocar memórias de discussões e de atividades já realizadas previamente para relacionar com a ideia que está sendo construída.

Os gestos que ilustram literalmente o que se diz registram a utilização do corpo, em especial, as mãos e os braços, para concretizar algo que se diz, como, por exemplo, apontar para cima para indicar que algo subiu.

A metáfora é a utilização de palavras para a construção de sentidos figurados e permite que a construção possa ser exemplificada e associada a outras ideias já conhecidas.

Reformular a mesma pergunta é um elemento catalisador para a promoção da negociação de sentidos, que explicita o uso de diferentes palavras ou de uma organização sintática distinta com o objetivo de permitir que os alunos compreendam o que está sendo a eles solicitado.

Definir as condições de contorno para a análise e compreensão de uma proposta é um processo longo, que vai sendo construído juntamente com os estudantes e que permite a eles encontrar o foco sob o qual a análise está sendo realizada. Pode aparecer por meio de situações adversativas com as quais é oferecida a oportunidade para que os estudantes tomem consciência de que o que se diz está equivocado, ao invés de fornecer prontamente a resposta correta.

As ações para colocar hipótese em teste são momentos em que, ante uma ideia trazida por um aluno, o professor questiona a colocação, permitindo a análise da situação para uma eventual aceitação posterior ou o seu descarte.

A legitimação de uma colocação ocorre quando, após a análise ter sido realizada, os alunos compreendem que, para aquela situação específica, os resultados alcançados e as propostas explicativas sugeridas estão adequados.

Todos e cada um destes elementos catalisadores para a promoção da negociação de sentidos refletem um aspecto central dos processos estabelecidos pelas interações discursivas em sala de aula: elas são coletivas.

Considerando as situações de aula de ciências em que o professor planeja e implementa uma investigação para a abordagem de um tema científico com seus alunos, o estabelecimento do diálogo possibilita o início das interações discursivas. É importante salientar que essas interações discursivas não estão direcionadas a apenas um aluno específico: elas abarcam toda a turma e estão destinadas a serem coletivas.

Dessa perspectiva, nas situações de investigações em aula de ciências, em que o professor promove e fomenta interações discursivas, desdobra-se a consequência de que os processos de construção de sentidos e de construção de entendimento sobre os temas em discussão são coletivos. A construção de sentido ocorre em nível interior e, portanto, é individual, mas os processos que a medeiam não são individuais e isolados, representando a forte contribuição do coletivo e das interações para a construção do entendimento.

# Referências

FREIBERG, H. L. **Ações docentes para a negociação de sentidos em aulas de ciências**, Relatório de qualificação de dissertação de mestrado apresentado à Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2014.

MACHADO, V. F. **A importância da pergunta na promoção da alfabetização científica dos alunos em aulas investigativas de Física**, Dissertação de mestrado apresentada ao Instituto de Física e à Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2012.



## Agora é sua vez...

Finalizada a leitura do texto, realize as atividades on-line propostas para esta aula.  
Bons estudos!